



JUVENTUDES CULTURAIS NA ESCOLA LIVRE DE CINEMA DE NOVA IGUAÇU

Mônica da Silva Francisco (IM/ UFRRJ)

amonicafrancisco@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de estudo a produção audiovisual das juventudes da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, jovens de classes populares que reconstróem suas vivências, interesses, criações por meio de trocas estabelecidas por eles dentro da escola. Trata-se de estudar a construção de audiovisuais, filmes através dos estudos obtidos nas oficinas de produção de vídeo, escrita que a instituição oferece.

Palavras-chave: juventude, arte-educação, políticas públicas.

Introdução

Nos estudos da Educação, o tema juventudes tem assumido grande relevância pela presença dos jovens em múltiplos espaços, mídia, política, mercado e trabalho e pela pluralidade de abordagens que o tema suscita. Abramo observa que nos debates em que as juventudes são discutidas seja pelas instituições que formulam ações para jovens ou pelos atores políticos ou são enfocados os problemas nos quais os jovens estariam envolvidos e os jovens são vistos pelas mesmas enquanto problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca ou quase nunca as questões são enunciadas por eles e nunca ou quase nunca — como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos.

Neste trabalho tendo como referência Bordieu, aplicamos o termo juventudes numa tentativa de definir as múltiplas juventudes imiscuídas em espaços formais e informais que a educação é produzida, como possibilidade de distinção entre jovens que vivenciando mesmos espaços de sociabilidades como a escola, instituições religiosas, clubes, gostando dos mesmos estilos musicais, roupa apresentam entre si um conjunto de subjetividades impossíveis de serem segmentados no mesmo grupo.

Teceremos nossa narrativa sob o viés dos Estudos Culturais, usando nas tessituras os

estudos do cotidiano com enfoque nas experiências das juventudes dentro da escola de cinema e como sua entrada na escola e as trocas culturais obtidas na ida a museus, cinemas, visitas guiadas redirigiu o seu olhar para seu cotidiano e para as possibilidades de múltiplos olhares sobre esses espaços dentro de outras perspectivas que ressignifiquem o território.

O estudo compreende a construção da produção audiovisual a partir das trocas culturais no espaço educativo e como a influência desse espaço proporciona as juventudes um ressignificação de olhar sobre uma região marcada pela violência.

Os fios do audiovisual

A Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu foi criada em 2006 por Marcelo Faustini. A ELCNI é a primeira escola e audiovisual da Baixada Fluminense foi desenvolvida com pretensão de prestar suporte ao programa Bairro Escola do Governo Federal que pretendia uma educação integral no município de Nova Iguaçu, sendo que as crianças e jovens estudariam nas escolas do município e no contraturno fariam atividades na escola e em outros espaços culturais e esportivos.

As sementes do Bairro Escola foram plantadas em São Paulo, por Gilberto Dimenstein que desenvolveu um projeto de arte- educação que integrava comunidade, os moradores e o espaço de forma com que os todos os membros da capacidade participasse ativamente em intervenções artísticas nos territórios e serviram como bases teóricas para o desenvolvimento o projeto pela Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu.

Essa fundamentação está presente nas bases da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu que articulam na sua metodologia três conceitos: a palavra, o conceito e o território. Esses termos tem grande importância na construção do texto pois nosso objeto de pesquisa são as juventudes das classes populares, moradores da Baixada Fluminense, periferia do estado do Rio de Janeiro que vivem numa área afastada da capital que tem menos acessos aos espaços culturais, tradicionais de cultura geralmente restritos aos grandes centros urbanos que produzem objetos culturais a partir da entrada na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu.

Juventudes

Existe uma dualidade dentro dos conceitos de juventudes, de um lado os jovens das classes altas e médias são considerados exemplo de potência, força e tornando-se como símbolo de cultura (CALLIGARIS), essas juventudes são vistas como símbolos de crescimento do país e a eles são dados em formas de bens simbólicos e culturais todos os estímulos para

seus desenvolvimento social, intelectual e físico essas referências geralmente associadas aos jovens de classes médias e altas e aos jovens das classes populares são produzidos retratos, imagens, estereótipos associados a violência, consumo de drogas, prostituição muito comuns nos filmes, novelas e produtos culturais amplamente difundidos pelos meios de comunicação. Abramo observa que “na construção social a respeito da juventude no Brasil, diametralmente opostas nas equações que se montam a respeito da exclusão da cidadania e na formulação de esperanças e nas angústias neles depositadas: numa ponta os jovens estudantes politizados e na outra jovens carentes, e envolvidos com o mundo da criminalidade”.

Sobre esses jovens Dayrel observa que

“Podemos dizer que, no Brasil, o princípio da incerteza domina a vida dos jovens, que vivem verdadeiras encruzilhadas de vida nas quais as transições tendem a ser zigzagueantes, sem rumo fixo ou predeterminado. Se essa é uma realidade comum à juventude no caso dos jovens pobres, os desafios são ainda maiores, uma vez que contam com menos recursos e margens de escolhas, imersos que estão em constrangimento estruturais”(DAYRELL 2007 p 8).

Para Bourdieu, o conceito de juventude é construído socialmente, não se podendo falar do jovem como se ele fosse uma unidade social, um grupo constituído com interesses comuns.

O termo juventude começou a ser categorizada recentemente no início do século XX, por se tratar de uma categoria socialmente recentemente construída, ela se manifesta de modos diferente de acordo com o momento em que a sociedade passa. Não se pode dizer que existe uma juventude, mas várias juventudes como pode ser percebido na citação a seguir. DAYRELL (2007)

a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contexto históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (...), culturais (...), de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere”.

DAYRELL (2007) afirma que essa condição juvenil vai depender de onde esses jovens estão inseridos na sociedade. E essa condição se manifesta em várias dimensões, na qual DAYRELL (2007) afirma que essa condição juvenil vai depender de onde esses jovens estão inseridos na sociedade. E essa condição se manifesta em várias dimensões, na qual destaca cinco características que essa condição se manifesta que são: o trabalho; as culturas juvenis; a sociabilidade; espaço e tempo e a transição para a vida adulta.

Investigar o retrato criado pelos jovens e de suas múltiplas formas de vivenciar juventude uma vez que dentro desse processo de aquisição de novas linguagens ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto do discurso desconstruindo os olhares sobre as juventudes da Baixada Fluminense e recriando a partir de suas próprias perspectivas que ressignificam o jovem e as juventudes.

Referencial Teórico

Na elaboração do projeto li vários conceitos sobre juventudes e cultura de forma a ter um arcabouço teórico para elaborar a escrita do trabalho. Dentre eles, destaco o conceito de Cultura utilizado por Coelho que a define como “estoque total de símbolos e do saber a partir dos quais os membros de um grupo interpretam a si mesmos e ao mundo em que estão” (Coelho, 1999:120). Então tendo por base essa referência associei a escrita de Stuart Hall em que ele afirma que a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação.

E pensar na produção cultural e nos jovens saindo do papel a eles, na maioria das vezes endereçados, de objetos de pesquisa para ocuparem com suas criações audiovisuais o protagonismo em que podem falar de si mesmos por meio de suas produções e da importância que elas passam a ter com a ascensão dos Estudos Culturais, que por meio de suas diversas abordagens, usando como viés os Estudos do Cotidiano em que as relações dos indivíduos e o meio em que estão inseridos, entendendo que são realizadas mediações entre as vivências entre os jovens, a comunidade e o território que tornam-se temas centrais nas produções de conhecimento.

A concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados é a origem do raciocínio de Hall (1997) sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação. Se a linguagem atribui sentido, conforme lembra o autor, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. Portanto, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado.

Segundo Hall (1997) é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

Em minha pesquisa sobre as juventudes culturais da Escola de Cinema de Nova Iguaçu que em articulação de metodologia desenvolve três conceitos - palavra, corpo e território - como

elementos de expressão da imagem e do som, essas noções estão bem articuladas com as idéias de movimento em várias direções que evocam o termo juventudes. E essas relações que os jovens da Baixada Fluminense travam com a escola e que produzem dentro desse espaço físico, que contém em si as relações com o território, demarcado pela exclusão e violência, que produz arte, que vivencia e toma dimensões com as mudanças na cidade e como esse jovem recria esse universo através do corpo, explorando seus limites e transpondo-os por meio das palavras, dos sons, dos ritmos e dando-se no interior da escola, que dentro do que foi projetado desde o início do século teve seu projeto de implantação excludente, em que era preciso recursos financeiros (roupas, cadernos, etc) para seu acesso. A menção a escola parte de minhas inquietações e leituras do texto do Paulo Freire pois assim como a escola mudou de certa forma sua concepção, tornando-se menos excludente, uma escola de cinema dentro da periferia mudando os paradigmas.

O presente projeto de pesquisa terá como objeto as produções audiovisuais produzidas na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu. O estudo pauta-se na área de Educação, com enfoque na análise da inserção dos jovens dentro da escola, seus estudos sobre cinema e a partir da junção de suas “escrevivências” o desenvolvimento de trabalhos. Para o desenvolvimento do presente projeto de pesquisa serão implementadas atividades de investigação, como aplicação de questionários, entrevistas, levantamento de material bibliográfico e análise dos mesmos. Inicialmente será feito uma pesquisa quantitativa para saber a quantidade de jovens de inseridos nos curso e a metodologia aplicada nas aulas. No segundo momento serão realizadas entrevistas com os jovens e os professores da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu para que eu possa investigar o que os jovens conceituam como cultura e como as técnicas aprendidas na escola referentes a audiovisuais os habilita na elaboração de produtos culturais.

Bibliografia

BELLUZZO, L.; VICTORINO, R. (2004). A juventude nos caminhos da ação pública. São Paulo Perspec., São Paulo: vol. 18, n. 4 (pp. 8-19).

BOURDIEU, P.(1983) A “juventude” é apenas uma palavra! Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. (pp. 112-121).

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.

LEON, Alessandro Lutfy Ponce de. Juventude brasileira: geração problema oportunidade de desenvolvimento? IN BENECKE, Dieter W. e NASCIMENTO, Renata (orgs) Política Social Preventiva: desafio para o Brasil Rio de Janeiro ed. Konrad Adenauer

NOVAES, R. *Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política* Em:0Abramo Helena W. Freitas, Maria V., Sposito, Marília P.: **Juventude em Debate**: São Paulo:



2002, Cortez.

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

LEON, Alessandro Luffy Ponce de. Juventude brasileira: geração problema ou oportunidade de desenvolvimento? IN BENECKE, Dieter W. e NASCIMENTO, Renata (orgs) Política Social Preventiva: desafio para o Brasil Rio de Janeiro ed. Konrad Adenauer 2003.

GOUVEIA, V., SINGELIS, T. e COELHO, J. (2002). Escala de Auto-Imagem: comprovação da sua estrutura fatorial. Aval. psicol. vol.1, n.1, (pp.49-59)

SOUSA, J. (2006) Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

Zourabichvili, F. (2004). O Vocabulário de Deleuze. Versão eletrônica. Rio de Janeiro. (pp. 24).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários a prática educativa. Editora Paz e Terra. 23ª edição. 1996.

GOUVEIA, V., SINGELIS, T. e COELHO, J. (2002). Escala de Auto-Imagem: comprovação da sua estrutura fatorial. Aval. psicol. vol.1, n.1, (pp.49-59)

HALL, Stuart. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

SOUSA, J. (2006) Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política, Florianópolis: v. 5 n. 8. (pp. 9-30).

Zourabichvili, F. (2004). O Vocabulário de Deleuze. Versão eletrônica. Rio de Janeiro.